

## EQUIDADE NAS RELAÇÕES INTER-CULTURAIS

O que bioeticamente se procura na relação entre as várias culturas é, em primeiro lugar, o entendimento daquilo que as distingue, tentando uma avaliação das suas diferenças, é depois, o encontro de uma aproximação que seja capaz de descobrir sem parcialidade, lugar para todas nos projectos da Humanidade. É finalmente, a vontade de oferecer e de receber participação naquilo que cada cultura detém e lhe pertence e que poderá ser a complementaridade de um interesse comum ou até de uma forma nova de estar no mundo perante a vida.

Ao longo dos tempos, alguns destes aspectos aconteceram nas relações interculturais, e assim se foi transformando, embora sem igualdade e sem imparcialidade, o pensamento criador de sucessivas civilizações.

Os gregos deixaram nas paredes violadas de alguns hipogeus egípcios o registo das suas próprias reacções perante a grandeza do que já era passado. Esses *grafitti* helénicos, como hoje lhes poderíamos chamar, nos monumentos do alto império egípcio, foram o contacto inicial de duas culturas e também o reconhecimento da influência que elas entre si tiveram. Em consequência desse encontro de homens e de ideias a escultura egípcia deixa de ser estática, e abre-se ao movimento, enquanto os gregos recolhem, de uma civilização muito mais antiga, a percepção da História que Herodoto saberia escrever.

A partir daí continuam as interculturações, as interferências de pensamentos, de gestos e de palavras, enriquecendo a língua, desenvolvendo e aperfeiçoando o que, pouco a pouco, se foi sabendo nas artes e nas ciências, descobrindo a técnica que uns tinham e outros não, enriquecendo culturalmente a Humanidade. Foi assim, na bacia oriental do

Mediterrâneo, entre a civilização egípcia, micénica e grega e depois, entre os gregos e os romanos, romanos e bárbaros visigodos e gótipas e também, ao redor do mesmo espaço mediterrânico, *mare nostrum* de muitas raças, entre judeus, muçulmanos e cristãos, todos contribuindo, embora julgando estar distantes, para a unidade científica e cultural do pensamento humano, unidade que existe na diversidade dos projectos, das crenças, das intenções e das ideias.

Uma cultura isolada não cresceria tão depressa, e temos, para exemplificar o que digo, a impossível descoberta da roda que faltou ao desenvolvimento das civilizações pré-colombianas. No nível alto e no progresso das inteligências Maia, a roda ainda faltava no séc. XV da era cristã, o que não tinha havido, realmente, até aí, era interferência cultural, e quando essa interferência cultural aconteceu, surgiu sem justiça, sem moderação, no fundo, sem equidade.

As relações interculturais são, por aquilo que penso e tento explicar, os grandes fundamentos do progresso, foram e são alicerces para a construção do futuro. Se a vida de um homem só não encontra alimento para desenvolver pensamentos novos, encaminhando-se com originalidade para uma vida diferente, porque isoladamente muito poucos ou nenhuns conseguem aprender, também a Humanidade, no seu avanço, viveu a aculturação que resultou, não apenas de uma interferência, mas também de uma interdependência, que o resto da Humanidade ia tendo, ou já tinha.

Nas relações interculturais prevalece inicialmente a diferença das ideias, mas também das características somáticas e psíquicas dos homens, que pela primeira vez, se olham, se encontram, se procuram entender, por gestos ou por palavras e, finalmente, se tocam, acabando por se misturar.

A miscigenação somática e intelectual foi enriquecendo a cultura dos povos e criando até, outros povos e outras nações. Fomos exemplo disso em Portugal, quando nos aproximámos dos outros continentes, de outras raças, de outros hábitos, de outras tradições, misturando-nos com tudo isso. Aconteceu na Índia, surgindo aí a cultura indo-portuguesa, aconteceu em África e aconteceu no Brasil, quer pelo aparecimento do

mestiço, quer pela própria diluição e pensamentos religiosos de puro cristianismo e de tradição africana, num sincretismo original.

O encontro das várias culturas é, evidentemente, benéfico para a Humanidade, o futuro acaba sempre por reconhecer essa aproximação de homens diferentes, contrariada muitas vezes, e em princípio impedida, é motor que provoca a transformação dos tempos, melhorando os homens até pela transferência dos seus ideais.

A equidade nas relações interculturais tem de partir desta longa e profunda lição do passado que teve grandes erros na falta de equidade, que por toda a parte existiu, mas que teve por mérito esse encontro de homens.

Hoje a equidade nas relações interculturais significa o quê?

O mundo, nas interpretações actuais da sua globalização, conhece-se em quase todos os seus recantos, as diferentes raças encontram-se no dia-a-dia das grandes cidades, nos areópagos da política, nas discussões científicas, e nos projectos de investigação também no homem comum que viaja entre os continentes e civilizações, muitas vezes sem notar que também nas suas viagens faz elo de ligação rápido e superficial, muito à moda do nosso tempo, entre as diferentes culturas.

A equidade que procuramos, nos dias de hoje, nas relações interculturais, se a quisermos entender completamente, terá de ser, não já uma assimilação das línguas ou das tradições, mas uma aproximação, cada vez maior, de idênticas condições de vida.

A equidade que hoje se procura nas relações interculturais, é, em primeiro lugar, económica, tornando semelhantes as condições de vida, é depois educativa, equidade educativa capaz de dar a todos os homens ocasião de conhecer, de entender e de usufruir o que o progresso científico, literário e artístico nos foi trazendo, e toda a técnica facilitadora da vida do Homem.

É depois uma equidade fundamental nas relações interculturais que tem que ver com a saúde e com a vida humana, não podendo continuar a ser diferente o tempo médio de vida segundo as latitudes e as longitudes do planeta em que vivemos.

Criar educação, fornecer possibilidades à saúde que se perturba e desenvolver a economia são os grandes objectivos para todos os povos. A equidade intercultural não

se baseia apenas no esquecimento das colonizações ocidentais, mas no reconhecimento da importância que todas as culturas podem ter, embora proporcionalmente diferentes no mundo que se procura construir.

Seja como for, julgo que estamos ainda longe de uma equidade intercultural, pelas diferenças económicas entre nações e porque a educação e a saúde dificilmente se instalam onde a vida de todos os dias é simplesmente um esforço de sobrevivência. Se os homens têm fome, certamente não podem ter saúde, nem será muito fácil que possam reflectir e serenamente pensar.

Será então que a equidade nas relações interculturais esteja assim tão dependente do progresso económico? Penso que sim, embora pense também que esse progresso só pode surgir quando o Homem se libertar da ignorância e quando o instinto da sobrevivência desaparecer, por ser necessário, como todos os outros instintos, que a espécie humana perdeu.

As relações interculturais do nosso tempo, têm, por isso, dois aspectos que se opõem. Por um lado, a facilidade com que nos encontramos e convivemos, existindo até idiomas comuns para os cientistas, para os economistas, para os políticos e para os homens de negócios, por outro lado, as relações interculturais transformadas em guerras ou em guerrilhas assassinas ou terrorismos anónimos, e ainda as relações interculturais avaliadas na crise das migrações, na confusão do nosso tempo, tempo em que parece que ninguém está bem onde está e que ninguém estará bem nos lugares mais próximos ou mais distantes para onde se quer dirigir uma ansiedade muito humana, ansiedade de homens vivos, paradoxalmente procurando a vida.

Julgo que as migrações actuais, criando excessos demográficos, possíveis ou impossíveis, constituem o paradigma do difícil encontro equânime do nosso tempo quero dizer, com alguma preocupação, que as relações interculturais que misturaram os homens no avanço da Humanidade, reunindo as ideias e aproveitando-as para fazer o futuro, no bem que essas ideias tinham, nunca puderam olhar esses homens com esses homens com total igualdade, nem os conseguiram aproximar.

Continuam a existir os redutos e os ghettos, atenuando-se as diferenças sociais e étnicas em espaços minoritários da cada sociedade. Agora já não existirão, tão fortemente, separações raciais, o que existe são distâncias sociais, educativas e económicas, cada uma das quais podendo incluir todas as raças e todas as culturas.

Atingirá o Homem, algum dia, a unidade da espécie humana, logo no início separada entre o homo sapiens e o homo erectus, ou será que esse pecado biológico, também original continuará sempre? O pouco optimismo que podemos ter para responder a esta pergunta, baseia-se apenas na esperança de uma legítima defesa que nos possa, por fim, reunir.

Às portas da pós-Humanidade, o Homem não pode dialogar outra vez com a esfinge de Tebas , ou nos juntamos todos a salvar a Humanidade, ou não haverá mais Humanidade, se ela desistir do seu próprio nome, ou seja, da definição, sem condições, do que ainda se chama género humano.

J. Ribeiro da Silva